

## O caos, sempre positivo, da interpretação: entrevista com Patrícia Lino

Por Mary Anne Warken S. Sobottka<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina



Patrícia Lino. Foto: María Inés Canto

Patrícia Lino (Portugal, 1990) é professora universitária e poeta. Ensina literaturas e cinema luso-brasileiros na UCLA (University of California, Los Angeles). É a autora de *Antilógica* (2018) e *Manoel de Barros e A Poesia Cínica* (2019). Dirigiu *Vibrant Hands* (EUA, 2019) e *Anticorpo. Uma Paródia do Império Risível* (EUA, 2019). Publicou, apresentou e expôs ensaios, poemas e ilustrações em mais de cinco países. A sua investigação centra-se, neste momento, na poesia contemporânea, culturas visual e audiovisual, paródia e anticolonialismo, intermedialidade e cinema luso-brasileiro. É editora da revista de poesia e crítica *Virada*. <http://patricialino.com>.

---

<sup>1</sup> Mary Anne Warken é tradutora e professora de espanhol, atualmente é doutoranda do Programa em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina com bolsa CAPES. É Bacharel em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola. Mestre em Tradução Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/CAPES). Pesquisa a obra de Nicanor Parra e desenvolve pesquisas relativas ao estudo da variação do espanhol chileno e à literatura chilena. No Doutorado dedica especial atenção aos Estudos de Tradução do texto poético desenvolvidos na América do Sul. E-mail: [warken espanholufsc@gmail.com](mailto:warken espanholufsc@gmail.com)

**Conte um pouco sobre a sua relação com o trabalho de tradução. Como ocorre a dinâmica entre seu trabalho acadêmico na UCLA<sup>2</sup> e seus trabalhos autorais e de tradução. Como esses talentos se relacionam? Você é autora antes de ser tradutora? Fale sobre seus mais recentes trabalhos autorais.**

Traduzo, na prática ou mentalmente, quase todos os dias. Do espanhol e inglês ao português, sobretudo. Poesia, mais do que qualquer outra coisa. De resto, o exercício de tradução inclui, para mim e ao mesmo tempo, vários processos. Não diz apenas respeito à tradução de um idioma a outro, mas de uma ou mais linguagens a outra(s). A ilustração, a musicalização ou a representação audiovisual são exercícios de tradução. Como ilustrar *este* verso? Como musicar *esta* estrofe? Como representar, através da imagem, do som e do movimento, *aquela* passagem? Ou, num raciocínio inverso, como escrever sobre um objeto visual, musical, audiovisual ou performático? O *fazer* ou a análise da poesia, pela natureza interdisciplinar da poesia (que se compõe formalmente de palavras, imagens, sons ou do corpo), leva muitas vezes, mais do que o *fazer* ou a análise de qualquer outro gênero literário, a perguntas como estas. Poder-se-ia dizer que trabalhar com poesia, sob o ponto de vista de quem a faz, pensa ou ensina, é trabalhar com tradução. A relação entre o meu trabalho acadêmico na UCLA, autoral ou de tradução é, por isso e mais do que qualquer outra coisa, conceptual; explorar, a nível teórico e prático, ideias muito similares através de matérias e materiais diferentes. Não há, creio, uma ordem entre o que se pratica, mas existe certamente uma pergunta que o antecede: como se diz o que se pensa?

*Vibrant Hands* (curta-metragem, 2019), *Anticorpo. Uma Paródia do Império Risível* (longa-metragem ou livro audiovisual, 2020), *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (ficção, 2020), *Não é isto um livro* (poesia, 2020) e *I Who Cannot Sing* (álbum, 2020) são os meus projetos autorais mais recentes. *Vibrant Hands* (<http://vibrant-hands.com>) representa audiovisualmente 12 fragmentos das *Tisanas* de Ana Hatherly e foi lançada na University of California, Berkeley (onde Hatherly se doutorou), nos Estados Unidos, em 2019. Foi exibida recentemente na Universidade NOVA de Lisboa, onde Hatherly ensinou por muito tempo. É uma homenagem. O *Anticorpo*, um livro audiovisual que será lançado *materialmente* pela Garupa Edições no Brasil este ano, estreou também nos Estados Unidos e foi exibido

---

<sup>2</sup> University of California. <https://www.spanport.ucla.edu/person/patricia-lino/>

três vezes em Portugal em 2019. O *Anticorpo* é uma paródia do discurso português colonial ou uma apropriação poético-musical de materiais divulgados por canais online da extrema direita portuguesa. *O Kit* [...], uma paródia do mesmo discurso ou ideologia, é um livro completamente diferente. Compõe-se, cheio de ironia, de objetos que auxiliam a vida ou sacodem a dor de quem pensa colonialmente num mundo que passa pelo processo de descolonizar-se. “O frasquinho de mar português”, “O banquinho racial”, “Os DescobriMENTOS” são alguns destes objetos. *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* inclui texto e colagens. *Não é isto um livro* reúne vários poemas (verbais, visuais e audiovisuais) e será publicado, em Maio, na Colômbia pelas Ediciones Vestigio. É uma edição bilíngue (*No es esto un libro*) com tradução para o espanhol de Jerónimo Pizarro. *I Who Cannot Sing*, um álbum ainda inédito de poesia *mixada*, reúne várias *mixes* ou transformações musicais que fiz a partir de poemas de vários(as) autoras. Trabalho, com um sintetizador e programas online, sobre as gravações dos(as) poetas a lerem os seus próprios poemas. É um exercício realmente interessante que se assemelha, a vários níveis, ao gesto tradicional de traduzir um poema para outro idioma. A pergunta original (que palavra[s] melhor traduzem *este* termo?) transforma-se (que som[s] melhor traduzem *este* termo?).

### **Como iniciou o seu interesse pela literatura chilena e brasileira de forma geral?**

O meu interesse pela literatura brasileira tem praticamente a metade dos anos da minha vida. Quinze. Cruzei-me, ainda adolescente, com alguns e algumas poetas que não estavam e, continuam, de resto, a não estar editados ou acessíveis em Portugal. A Ana Cristina César e o Paulo Leminski foram dois deles. Conheci, anos mais tarde, os romances e os contos de Clarice Lispector. Imediatamente depois, Machado de Assis e Guimarães Rosa. Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima. A Hilda Hilst. Os irmãos Campos. O interesse foi, desde do início, tão grande que, enquanto fazia a minha licenciatura em Clássicas e estudava religiosamente os poetas gregos e romanos, completei extra-curricularmente todas as aulas que existiam, na Faculdade, sobre literatura ou cultura brasileiras. Assim que acabei a licenciatura, especializei-me em literatura brasileira durante o mestrado e o doutorado com duas teses sobre poesia. A primeira, sobre os trabalhos completos de Manoel de Barros, transformou-se, durante anos, até ser publicada pela Relicário Edições no Brasil em 2019 como *Manoel de Barros e A Poesia Cínica*. A segunda, ainda inédita, sobre a interdisciplinaridade poética no Brasil do séc. XX, repensa a produção de autores(as)

como Oswald de Andrade, Tarsila de Amaral, Ferreira Gullar ou Wladimir Dias-Pino. A literatura brasileira é o centro da minha investigação e das aulas ou seminários que ensino, e a minha colaboração “criativa” com os(as) poetas brasileiros(as) é constante. Sirvo-me das aspas porque tudo isto, que vai da leitura ao ensaio e dos poemas às conversas, assenta na criatividade.

A literatura brasileira abriu e abre, de modo sistemático, várias portas. Uma delas foi querer conhecer a literatura, sobretudo os(as) poetas, de outros países da América Latina. A minha vinda, aos 23 anos, para os Estados Unidos, especificamente para o sul da Califórnia, onde a cultura latino-americana (em particular, a mexicana) é fortíssima, fez com que eu quisesse aprender muito rápido espanhol e possibilitou o acesso a materiais e espaços onde se discutia permanentemente textos que chegavam do México, da Argentina, da Colômbia e do Chile. Às vezes, do Uruguai. A linha irreverente, humorística e interdisciplinar da literatura brasileira preparou-me para ler e entender poetas como Nicanor Parra. Não foi, por isso, um encontro inesperado. Foi um encontro espantoso e quase familiar. Um dos mais felizes que tive. E Parra levou-me, por sua vez, a outros(as). Raúl Zurita, Diamela Eltit, o coletivo a que ambos pertenceram (C.A.D.A, *Colectivo Acciones de Artes*) ou Juan Luis Martínez estão entre os meus favoritos.

**Nicanor Parra é um poeta importante no Chile e no âmbito internacional. No Chile, talvez a maioria dos críticos conheceram e foram amigos próximos do poeta, ou ao menos chegaram a ter alguma convivência com o autor. Existe um Parra chileno e um Parra internacional? Ou seja, as traduções vindouras, contemporâneas, vão construir um perfil de Parra no exterior diferente do que existe no Chile? Ou, acreditas que vão surgir projetos editoriais alinhados que irão em uma mesma direção, tentando fazer um recorte representativo do todo?**

Eu diria que sim e diria que depende grandemente do país onde ele é publicado. Parra não será certamente lido no Brasil como será lido em Portugal; dois países onde foi muito recentemente publicado em duas traduções diferentes. De resto, entender Parra é entender, ao mesmo tempo, o contexto político chileno e o espanhol chileno, tão diferente, para mim, do espanhol mexicano que aprendi nos primeiros anos. O que muda radicalmente, parece-me, a leitura que um(a) chileno(a) pode imediatamente fazer dele e a leitura que um(a) português(a) fará. Essas outras leituras e traduções

construirão, com certeza, outro Parra. Vários Parras. Não há como alinhar o caos, sempre positivo, da interpretação.

**Como iniciaram e como foram suas primeiras leituras dos poemas de Parra? Você costuma ler as traduções ao inglês já feitas da obra de Nicanor Parra? E as traduções para o português brasileiro? Ler traduções já realizadas, ajuda ou pode interferir na decisão das suas escolhas?**

Conheci os poemas de Parra em 2014, quando cheguei a Santa Barbara, na Califórnia. Li-os em espanhol e, pouco depois, em inglês (*Antipoems. How to Look Better & Feel Great*, trad.: Liz Werner, Estados Unidos, 2004). Li, recentemente, as traduções brasileiras (*Só para Maiores de Cem Anos — Antologia Antipoética*, Editora 34, 2018) e portuguesa (*Acho que Vou Morrer de Poesia*, Língua Morta, 2019). As traduções não interferem com o meu trabalho de lê-lo ou traduzi-lo, porque o meu objetivo é, mais do que qualquer outro, entender as idiosincrasias do espanhol chileno e preservar o(s) seu(s) significado(s) e ritmo(s) originais.

**Como é visto Nicanor Parra em Portugal? Quais são e como são as possibilidades de recepção de Parra no seu país?**

Quase não se lê ou estuda Parra em Portugal. Acaba de sair, depois das traduções que publiquei na *eLyra — Revista da Rede Internacional Lyra Compoetics* em 2017, uma antologia publicada pela editora Língua Morta que reúne vários dos seus poemas traduzidos por Miguel Filipe Mochila. A quase completa ausência da América Latina como objeto de conhecimento e não como o exotizado paraíso perdido das colônias no sistema de educação português é realmente, e a todos os níveis de escolaridade, uma lacuna muito grande. Não duvido, ainda assim, que Parra terá sucesso entre os(as) leitores(as) assíduos de poesia em Portugal. Lembro-me bem como, em 2016, durante uma aula que ensinei sobre Parra na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, os(as) estudantes reagiam com curiosidade e interesse aos seus textos. Não passam indiferentes a ninguém.

**Por que traduzir Nicanor Parra para o português de Portugal? Quais as maiores dificuldades ao enfrentar esse trabalho? Você optaria por uma antologia e seleção de determinados poemas, escolheria obras específicas?**

As traduções feitas para o português do Brasil não podem substituir as que se fazem para o português de Portugal e vice-versa. Além de expressões e vocábulos diferentes, temos modos distintos de entender a língua, porque temos, no fundo, modos distintos de entender o mundo. Essas são três das maiores graças da tradução: a relatividade, a insuficiência e a diferença. Para mim, o mais difícil em traduzir Parra passa por saber como traduzir as suas expressões idiomáticas. Optaria ou optarei, se tiver a oportunidade, por traduzir obras específicas. Uma após a outra. Parra e os futuros estudos de Parra precisam, a nível internacional, de um conjunto de objetos mais sólido do que uma antologia. As antologias não deixam, contudo, de ser fundamentais.

**Existe um Nicanor Parra para público internacional e outro só para o Chile? (Ao longo de décadas o antipoeta publicou diversas obras, muitas delas são carregadas de idiomatismos e aspectos relacionados à cultura chilena e até mesmo à história do Chile. É possível traduzir Parra afastando-se desses elementos? Para um projeto editorial e comercial é melhor evitar esses aspectos que remetem muito ao Chile e sua cultura? Como exemplo, temos o humor chileno, chistes, palavras em mapuche, personagens chilenos, inserções de nomes próprios e de uma geografia chilena, etc)**

Sem dúvida, mas isso não deve nunca corresponder ao apagamento desse humor, chistes e expressões tão peculiares e próprios de Parra.

**Sendo você autora, você se alinha a uma tradução que também é criativa? Ou seja, na tradução de antipoemas de Nicanor Parra, você traduz e se permite criar poesia também? Como é a sua preocupação com relação à "escrita" e "estilo" do autor?**

A minha preocupação com a escrita e o estilo do autor ou autora é total. Às vezes, justifica-se criar ou *transcriar* para preservar o estilo, o ritmo, a cadência, o humor ou a forma. Dois exemplos concretos e muito diferentes um do outro:

1. O poema “Murió”, incluído em *Hojas de Parra*, forma-se única e exclusivamente a partir de expressões idiomáticas chilenas: “Se dio vuelta pal rincón/ Estiró la pata/ Entregó la herramienta/ Se nos fue/ Se enfrió”. Não pode ser traduzido de modo literal para o português. A única solução parece-me, portanto, usar as expressões idiomáticas correspondentes do português e preservar, ao mesmo tempo, o ritmo, a graça e a mensagem: “Deu o couro às varas/ Esticou a canela/ Deu a últimas/ Foi-se-nos/ Foi para

o beleléu” (Lino, 2017: 311). Todas as culturas lidam, de um modo ou de outro, humoristicamente com a morte. Faz parte da vida.

2. Como traduzir audiovisualmente os versos “El verdadero problema de la filosofía/ es quién lava los platos// nada del otro mundo” (“Algo por estilo”, *El Último Apaga La Luz*)? A tentativa: <http://www.patricialino.com/el-verdadero-problema-de-la-filosofia.html>.

**Qual ou quais são seus poemas preferidos de Nicanor Parra? Você já tentou e depois desistiu de traduzir algum poema desse autor? Por que motivo? Quais os desafios de traduzir a obra de um autor tão produtivo e tão longo como foi Nicanor Parra?**

Vários. É bastante difícil escolher. “A propósito de escopeta”, “El Premio Nóbel”, “Errores garrafales”, “Si pueh!”, “Último poema”, os artefactos “Love letter” e “Fume logos” ou “Advertencia al lector”. Nunca desisti de traduzir um poema de Parra. Há uma responsabilidade muito grande em traduzir um poeta como Nicanor Parra, mas o receio ou pressão que daí possam advir não devem jamais limitar o exercício rigoroso de tradução ou análise. Trata-se, além do mais, de um prazer.

**Em sua opinião a tradução de um autor o promove e é importante para a sobrevivência da sua obra? Comente um pouco sobre suas diretrizes teóricas para abordar o trabalho de tradução poética. Qual a importância, justificativa e motivação para dedicar-se a esse trabalho?**

Não diria que é essencial para a sua sobrevivência, mas é certamente fundamental para a sua promoção. Gosto do que escreveram os antigos, Cícero e Horácio, e gosto do que escreveram Humboldt, Derrida ou Rosemary Arrojo. Gosto também de pensar no exercício de tradução como um gesto de antropofagia logocêntrico. Dedico-me a este trabalho por considerá-lo muito importante e por considerar que, sem ele, não se entende o que se lê (partindo do pressuposto que é possível *entender-se* por completo o que se lê) e tampouco se pode escrever bem.

**Sobre a Ecopoesia de Nicanor Parra: Ela é antipoesia? Como seria a recepção da Ecopoesia hoje em Portugal e nos Estados Unidos na sua opinião?**

Sim, a linha ecológico-poética estava lá, em 54, quando Parra publica *Poemas y Antipoemas* (“Defensa del árbol”, “Se canta al mar”). Os estudos literários eco-críticos

feitos a partir da literatura portuguesa são cada vez mais numerosos. E já o são, há algum tempo, nos Estados Unidos.

**Para você os objetos poéticos, artefactos e a poesia visual de Parra são possíveis de traduzir? Comente um pouco a sua leitura de Parra como poeta visual e a relação que poderia existir com os poetas visuais brasileiros.**

Sim. A edição norte-americana mencionada anteriormente fá-lo de modo muito claro para os(as) leitores(as). Estou certa de que Parra conheceu os trabalhos dos poetas concretos. E não só: é muito provável que tenha conhecido o projeto do Neoconcretismo carioca e o Poema/processo. A irreverência, processo estético e propósito político dos seus poemas visuais ou artefatos assemelham-se, além disso, a vários objetos produzidos por artistas e performers como Paulo Bruscky ou Eduardo Kac.

**Quais poetas portugueses você gostaria de recomendar para leitores e leitoras brasileiras? E quais as autoras de narrativa portuguesas que deveríamos traduzir para o espanhol?**

A resposta a esta pergunta será sempre incompleta. Herberto Helder, Sophia, Fíama Hasse Pais Brandão, Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, Daniel Faria, Ruy Belo, António Franco Alexandre, Luiza Neto Jorge, Fernando Assis Pacheco, Adília Lopes, Ana Luísa Amaral. Manuel de Freitas e Miguel Cardoso acabam de ser publicados no Brasil pelas Edições Macondo. Os trabalhos de Rosa Maria Martelo, João Luís Barreto Guimarães, Raquel Nobre Guerra, Daniel Jonas, Andreia C. Faria ou o trabalho visual de Fernando Aguiar interessam-me bastante. Maria Dulce Cardoso está traduzida para o espanhol. Acho que a Isabela Figueiredo e a Patrícia Portela não estão. Valeria muito a pena.